

Escola de Veneza: Cavalli e Cesti

O pai da ópera italiana, Claudio Monteverdi, encontrou na escola veneziana um digno discípulo e sucessor na figura de Francesco Cavalli. Contemporâneo deste último e partilhando os seus triunfos, foi Antonio Cesti.



A contribuição de autores como Cavalli e Cesti, e de muitos outros compositores, ajudou a criar um género único com características próprias, a chamada "ópera italiana".

FRANCESCO CAVALLI (1602-1676)

Como outros grandes compositores da época, Cavalli revelou desde cedo um talento musical invulgar, que no seu caso era acompanhado por uma voz dotada. Estas qualidades facilitaram a sua entrada na capela de São Marcos, em Veneza, onde se tornou aluno de Monteverdi e conheceu outros músicos da época. Trabalhou como organista em *San Giovanni e Paolo* e *Santa Caterina*, como empregado assalariado de

um nobre veneziano e como músico e cantor em festas de igreja. Estas condições desfavoráveis para a composição melhoraram relativamente quando contraiu um casamento vantajoso. Cavalli era um músico com um temperamento apaixonado e uma personalidade muito forte, como as suas obras reflectem. Estreou a sua primeira ópera em 1639 e, desde essa data até 1666, a sua produção operática foi abundante. Entre as suas obras contam-se: *Os Amores de Apolo e Dafne* (1640), *Dido* (1641), *O Ormindo* (1644), *Jasão* (1649), *Calisto* (1651), *Statira, Princesa da Pérsia* (1655) e *Hércules Apaixonado* (1662), algumas

delas com libretos de Busenello, um dos impulsionadores da ópera histórica. Em todas as suas óperas, e sobretudo nas últimas, o compositor demonstra um grande interesse pela profundidade dramática e pelo domínio das variações rítmicas; soube também tirar partido de todas as possibilidades de interpretação melódica oferecidas pelo recitativo para acentuar o dramatismo exigido por certas partes da obra. Para além do recitativo, concentrou também estes recursos expressivos na ária. Em contrapartida, nem o coro nem a orquestra desempenham um papel importante nas suas óperas. Todos estes recursos são particularmente evidentes em *Il Giasone*, que está repleta de cenas cómicas e recitativos.

ANTONIO CESTI (1623-1669)

Contemporâneo de Cavalli, foi o outro compositor mais proeminente da Escola de Veneza, embora o seu estilo não possa ser considerado estritamente veneziano. Embora tenha utilizado alguns dos procedimentos composicionais de Monteverdi e Cavalli, soube combiná-los com os da cantata romano-napolitana, conseguindo óperas mais elaboradas do que era comum na época. O seu objetivo era emocionar o público, entusiasamá-lo com a música e manter os seus olhos em cena. Para isso, utilizou uma grande orquestra, numerosos coros e

dispositivos mecânicos para conseguir efeitos espectaculares. Esta forma de expressão, juntamente com a primazia da ária sobre o recitativo, fez das suas óperas autênticos espetáculos de grande beleza musical e visual, mas com menor força dramática.

E não há dúvida de que Cesti atingiu o seu objetivo de encantar o público, pois as suas óperas, das quais escreveu mais de uma centena, foram das mais populares. Por exemplo, *Oronthea*, representada pela primeira vez em 1649, foi representada até dezassete vezes nos trinta anos seguintes. Outras que obtiveram grande sucesso foram *La Dori* (1663) e *A Maçã de Ouro* (1667), representada por ocasião do casamento do Imperador Leopoldo I de Habsburgo. A partir do estilo desenvolvido por Cesti e das primeiras produções da escola napolitana, desapareceu a variedade de estilos que até então dominava a produção operática e estabeleceu-se um estilo único e unificado do género.

Para além dos já referidos, muitos outros compositores se destacaram no panorama da música barroca italiana do século XVII. É o caso de Luigi Rossi, que ganhou merecida fama em toda a Europa pelas suas cantatas de câmara, mas que também cultivou o género operático, e foi precisamente isso que o tornou conhecido em França.